

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 6

15 D'OUTUBRO.

1838



OS LAZZARONI DE NAPOLES.

Os LAZZARONI DE NAPOLES.

NA capital do reino das Duas Sicilias ha uma classe de pessoas (cujo numero em algum tempo chegou a 40,000,) que nem tem casa, nem emprego, nem meios certos de subsistencia, e a maior parte vive todo o anno, tanto de dia como de noite, nas ruas e nas praças publicas. A extrema abundancia do paiz, causa principal da barateza dos alimentos, a extraordinaria sobriedade dos habitantes, a doçura do clima, e a indolencia que elle produz, tem dado origem a esta classe. O pouco que absolutamente julgão necessario, o ganhão, como os Gallegos em Portugal; porem trabalhando o menos possivel, porque esta gente não se dá a um trabalho duro. Geralmente fallando, apesar do seu grande numero, são bem inclinados, e soffrem de bom grado os insultos e o desprezo das outras classes. Tão costumados estão a esta vida os lazzaroni que nunca saem de Napoles sem a mais urgente necessidade. O desejo de propriedade, e das com-

VOL. I

modidades da vida, com habitos de industria, foi primeiramente introduzido nos tempos modernos entre esta gente, no reinado de José Bonaparte, em cujo tempo forão empregados em fazer excavações, &c. e recebem uma parte do seu salario em roupa, e utensilios domesticos para que se costumassem a terem uma morada. Tambem forão reunidos em povoações pequenas aonde o governo tratou de dar educação aos seus filhos. O regulamento de policia do rei Joaquim Murat contribuiu igualmente para melhorar sua condição. Os lazzaroni ao principio erão principalmente os doentes das classes baixas, que saião dos hospitaes, e conservavão os miseravcis vestidos que se lhes tinham dado; e como aquelles estabelecimentos piedosos estavam debaixo da protecção de S. Lazaro, ficou-lhes o nome de Lazzaroni.

Terminemos este artigo com uma scena entre um viajante inglez e estes garotos Napolitanos.

“ Logo que desembarquei no porto, diz elle, perguntei se haveria alli perto alguém que me levasse a minha pouca bagagem para a estalagem. Num abrir e fechar d’olhos quatro lazzaroni mais que meio

mus apoderárão-se dos quatro volumes de que se compunha a bagagem, e estavam promptos para me acompanharem aonde eu quizesse. Em vão lhe fiz saber que o que elles levavão era sómente pezo moderado para um rapaz de quinze anno. Uma algarravia simultanea e inintelligivel d'aquelles quatro selvagens foi a unica resposta que eu recebi; e não havendo outra alternativa senão uma completa submissão, comecei a caminhar esperando ver a cada momento viajar a minha propriedade em tantas direcções como erão os individuos que a levavão. Felizmente meus calculos sairão errados, e cheguei á estalagem sem que nada me faltasse. Restava agora ajustar a paga do seu trabalho. A'quelle que levou a mala como chefe da expedição entreguei tres *carlini* (300 reis pouco mais ou menos) com liberdade de recompensar aos seus companheiros na proporção dos seus respectivos meritos. Assim que elle pilhou o dinheiro não quiz saber de mais, e botando a correr como um desesperado, deixou-me com os outros tres insistindo em gritos para que lhes pagasse immediatamente. Vendo então que não havia outro meio de me ver livre dos seus importunos clamores, mudei com alguma astucia a scena da acção para o corredor, e escorregando-me para meu quarto fechei a porta a chave e ferrolho. A sua gritaria então redobrou, e converteu-se n'um barulho infernal, o qual obrigou a que se reunissem as pessoas da casa desejosas de saber a causa d'aquella bulha. Quando eu de dentro do meu quarto lhes contei o que tinha acontecido, immediatamente puzérão na rua os Senhores lazzaroni."

SOBRE BANCOS * D'ECONOMIAS.

BANCOS d'Economias são associações que, recebendo dinheiros em deposito, e applicando-os a transacções que lhes rendem juros, ordenão seus estatutos ao fim especial de tornarem estes estabelecimentos depositarios das sobras e economias das classes laboriosas, em exclusivo beneficio das mesmas classes.

Estes estatutos offerecem as particularidades seguintes:

1.º Aceitação quantias mui diminutas; 240 reis por exemplo; e isto todas as vezes que fôr da vontade do depositante.

2.º Restituem as sommas depositadas, inclusivé os juros, — ou parte das mesmas — mediante um mui curto espaço de tempo depois do necessario previo aviso.

3.º Os juros, que estes bancos pagão por anno, podem ser annexos ao capital, e com elle continuão a vencer juros; de maneira que estes bancos pagão juros de juros, ou juros compostos.

4.º Como toda a administração destes bancos é gratuita; como são alliviados pelo governo de direitos de sellos &c. &c., e como por tanto as despesas do estabelecimento são quasi nullas, — os depositantes recebem a maior razão de juros possivel sobre seus capitães.

Estes bancos são de moderna invenção, e fôrão consequencias das considerações de pessoas be-

nificas e illustradas sobre a falta de previdencia das classes laboriosas em ajuntar de suas possiveis sobras um fundo para as augmentadas necessidades da idade mais avançada e casualidades da vida; e sobre as difficuldades inherentes á guarda e boa applicação dos pequenos capitães d'aquelles cuja industria os induzira a fazerem depositos para as referidas contingencias.

Entre as idéas fundamentaes da instituição destes bancos, a primeira foi o estabelecimento publico e notorio de casas que recibessem esses depositos. Ao homem que deseja poupar falta muita vez a resolução de não invadir seu pequeno deposito em qualquer occasião frivola que se lhe apresente; e collocado este deposito fóra do seu immediato alcance, a reflexão ou a circumstancia de ter passado a occasião tê-lo-hão feito esfriar em seu inconsiderado proposito, antes que elle se resolva a ir levantar seus fundos do banco.

Em não menor conta deveu ter influido a idéa de offerecer uma segurança ao depositante, que mal pôde esperar em qualquer estabelecimento particular, e bem assim um lucro e administração taes que dessem uma decidida ventagem a estes bancos sobre todos os outros analogos. Faze-los depender dos mais acreditados capitalistas (que em França e Inglaterra são seus * Governos) — offerecer juros compostos e uma administração gratuita — taes forão os meios que se julgárão os mais effectivos para grangear confiança e convidar ao deposito. Ao mesmo tempo foi necessario adoçar as formalidades e ceremonias, inherentes ao deposito e alevantamento de sommas, em comparação d'outros estabelecimentos mais frequentados pelas classes opulentas.

Mas estas disposições erão tão vantajosas que convidavão a todas as classes da sociedade a preferirem estes bancos a todos os outros; e tal effeito arruinaria estabelecimentos que não forão destinados senão a promover o bem estar das classes pobres a quem tão consideraveis ventagens erão offerecidas para o unico fim de as induzirem a querer seu proprio bem.

Foi por tanto necessario restringir a operação destes estabelecimentos ás classes laboriosas e pouco abastadas. Para este fim, é dos estatutos destes estabelecimentos que, logo que a total quantia depositada, e seus juros accumulados, excedão a uma somma de, digamos 800\$000 réis, o banco não paga juros sobre ella, nem simples nem compostos. E bem entendido é este regulamento. Se o depositante que tal somma possui, é das classes laboriosas, já não é pouco abastado. E' tempo que elle ceda o campo a outros menos ricos, e não lhe faltão estabelecimentos solidos e lucrativos onde seu dinheiro lhe renda uma razão de juro ordinaria. Se o depositante é abastado e quer abusar das ventagens que não forão destinadas para os da sua classe que as não necessitão, a restricção da somma referida dar-lhe-hia mui limitado lucro em comparação da deshonra que lhe resultaria se sua indecorosa avareza fosse descoberta. De mais, a fim de evitar abusos desta especie, estas associações sempre incluem o regulamento de rejeitarem depositos de quem bem quizerem.

Dura será a sorte do operario, cujos esforços não tem em attenção as contingencias da vida. Ainda que forte e vigoroso em novo, e acreedor d'um bom

(*) *Bancos Economicos* é o nome que entre nós geralmente se lhes dá. A denominação, bem que verdadeira n'um sentido, pecca pela restricta e pouco caracteristica idéa, que dá destes estabelecimentos. Preferimos chamar-lhes bancos *d'economias*, tomando a causa, que vem a ser a virtude da economia, para denotar os *effeitos*, e resultados, que vem a ser *as sobras* — o que um homem poupa.

(*) Os bancos *d'economias* podem com tudo existir sem dependencia alguma do Governo. Testemunha a Suíça. Teremos de alludir ás fontes donde seus capitães podem derivar lucros.

jornal, a saúde pôde-lhe faltar quando elle menos o pensar, e quando elle menos o pensar pôde achar-se reduzido ao estado de mendicante, que horrorisa a todo o homem; em cujo coração lateja a independência do seu ser. Mas suppondo que elle resiste á doença, que nenhuma casualidade inherente ao seu officio lhe acontece,ahi vem o estado de casado e uma augmentada familia que raras vezes seus jornaes poderão sustentar;ahi vem o recrutamento que o torna ou soldado, ou foragido sem que elle tenha os meios de comprar um substituto;ahi vem uma occasião de augmentar seu modo de vida, e que elle é obrigado a deixar escapar pela falta d'uma somma que lhe seria preciso apresentar.

Mas dir-se-ha que quem fôr bem comportado sempre terá quem o queira favorecer; e tal será muitas vezes o argumento do superficial observador. Concedamo-lo, e confessemos que ha muito homem que se deleita no bem. Mas a satisfação de sua divida ha de custar ao mechanico muita afflicção e muito acrescido trabalho; e sempre deve lembrar-se que a dependencia em si proprio nunca engana tanta vez como a dependencia em outros, e que o mais acertado systema é aquelle que é fundado no ditado: *Ajudate a ti mesmo — o Ceu t'ajudará*

E com effeito se as classes laboriosas se lembrassem do futuro — se fossem previdentes — e se tivessem bancos d'economias que as ajudassem — sua sorte não seria tantá vez tão infeliz, e não terião outras contingencias desfavoraveis alem daquellas que são communs a toda a posição social, e toda a profissão.

Fallamos mais directamente com o official mechanico, com as classes laboriosas e menos abastadas das cidades, cujos jornaes e soldadas são mais elevadas, do que com os individuos que se dedicão ao serviço da agricultura, cuja paga em nosso paiz, geralmente fallando, é miserabilissima. A lição com tudo a todos poderá aproveitar, senão n'uma, em outra consequencia.

Supponhamos que aos 16 annos o mancebo é senhor do seu officio, e que a prudente lembrança dos possiveis incommodos (que não pezarão sómente sobre elle) do estado de casado o detenha dos seus laços até a idade de 25 annos. Se elle tiver adquirido habitos de poupar — se elle se lembrar do futuro — tratará de formar um pequeno deposito para contingencias e casualidades.

Supponhamos que seu jornal é tal que elle, abattidas suas despezas diarias, poem de parte 40 réis diarios. Se pelo espaço de 9 annos elle conservar suas sobras guardadas em lugar seguro (o que nem sempre é facil) aos 25 annos elle achar-se-ha possuidor de 131\$400 reis. Se elle tiver o juizo de as pôr annualmente a render em mãos seguras, o juro de 5 por cento pôr anno ter-lhe-ha augmentado seu capital de 6\$579 reis, e o total sommará 137\$970. N'um banco de economias porem, sem dever favores a ninguem em particular, seu capital teria accrescido (a 5 por cento juro composto) a 160\$980 reis.

Se a mulher, que elle aos 25 annos escolher, tiver sido creada no mesmo systema de previdencia, ella achar-se-ha possuidora (*) d'um pequeno cabedal proporcional a seus esforços.

(*) Esta hypothese é baseada na consideração de factos. A estatistica d'alguns bancos d'economias, que recopilaremos, mostrará quão consideravel numero de mulheres das classes laboriosas (creadas de servir, por exemplo) são depositantes de fundos em bancos d'economias.

Com seus cabedales unidos — com seus habitos d'industria, regularidade, e economia, (cuja formação é uma das feições salientes dos estabelecimentos de que tratamos) elles vivirão, por alguns annos, sem ultteriores reservas do producto de seus trabalhos, mas sem tocarem em seu deposito. Quando uma augmentada familia, a cuja educação é necessario, conforme ao seu estado, porvir, — desde os 30 até aos 40 annos — elles recorrerão nos mēzes do anno menos favoraveis a seu capital, tirando d'elle semanal ou mensalmente conforme suas necessidades. Mas chega a epocha em que seus filhos cessão de lhes ser um cargo, e começão a co-adjuvá-los; do seu pequeno deposito ainda restára alguma cousa para uma prolongada doença, ou para as extremas necessidades da idade propecta.

Mas não deve olhar-se somente para os immediatos beneficios deste seu deposito. Em grande conta devem tomar-se os habitos, como dissemos, de industria, regularidade, e economia, que nascem destas instituições. A virtude e o credito são tambem um pequeno cabedal ao homem que os possui, e grandemente o ajudão em melhorar seu estado, e elevar-se na posse de bens e na ordem social. E tambem em não pequeno valor deve ter-se o testemunho, e a consciencia dessa mesma virtude.

E com effeito, mas em outro ponto de vista, não é unicamente ao estado physico das classes laboriosas que olha a instituição dos bancos d'economias. O homem que deposita o que pode poupar n'um banco, tem um interesse immediato no bem-estar da sua patria, na conservação da ordem publica, no estabelecimento de formas constitucionaes. Ninguem o induzirá á desordem, ao motim. Sem socego civil não ha banco que possa subsistir — com a desordem não rende juros seu capital, que com a mesma desordem pôde desaparecer. A tranquillidade e a ordem são os desejos do outro *proletario* constituído em *cidadão*.

Em nosso Numero seguinte daremos idea dos Estatutos d'um dos mais acreditados bancos d'economias de Londres, assim como alguns dados estatisticos a este respeito. Em algum futuro n.º teremos occasião de fallar das *Sociedades de Beneficencia mutua*, que desejavamos muito ver arriçadas no paiz; e diremos o que soubermos d'algumas que entre nós já existem.

D. PEDRO DE CASTELLA, O CRUEL.

Se ha no mundo homens, a quem seus vicios tornem dignos do odio universal, não podemos deixar de incluir nesse numero o Rei de Castella D. Pedro, cognominado, o cruel. Suas criminosas paixões e cruentos feitos, transmitidos de geração em geração conservarão sua terrivel lembrança até á consummação dos seculos: e farão detestar o crime na sombra de tão perverso homem.

Logo que principiou á reinar entregou á raiva de sua mãe a amante de seu defunto paé, que a vingança fez expirar no meio dos mais horrosos tormentos. Os filhos d'esta infeliz, e particularmente D. Frederico, Gram-Mestre da Ordem de S. Thiego, forão tambem barbaramente perseguidos por D. Pedro, importando-lhe pouco o sangue de D. Afonso que lhes dera a vida, e que tão estreitamente os ligava.

Interesses d'estado lhe apresentarão D. Branca, filha do Duque de Bourbon, e irmã da mulher de Carlos 5.º Rei de França, como a esposa que melhor lhe convinha. Assim lha pintarão ao menos

seus Conselheiros. Foi porem este casamento concludido debaixo de bem desgraçados auspícios; pois quando os Embaixadores de D. Pedro partirão para conduzir a real desposada, sitiava elle Gijon, onde a mais violenta paixão o tinha dominado. Maria de Padilha, donzella de distincção, joven, bella, artificiosa, namoradaira, e excessivamente vingativa, foi o objecto que soube prende-lo, e sujeita-lo absolutamente a todos os seus caprichos. E tanto assim, que depois de concludida a paz, só a instancias de Maria de Padilha, é que D. Pedro foi ver sua nova esposa, a quem a Rainha mãe tinha recebido.

Era D. Branca, bella, e virtuosa; e capaz de fixar um coração, cuja conquista não tivesse sido prevenida. Conhecendo porem a frieza de seu esposo, e não fazendo a mais pequena diligencia por agradar-lhe, só nelle encontrou desprezo e crueldade; se bem que em mil corações generosos soube ella inspirar sentimentos de estima, de respeito, e até d'amor.

D. Pedro, depois de passar em sua companhia tres dias, que lhe parecerão tres seculos, correu a Monte-Albano, onde com a maior impaciencia era esperado por Maria de Padilha. Soube esta mulher artificiosa fingir-se até estabelecer solidamente seu imperio: mas logo que tal conseguiu, tirou a mascara da hypocrisia, e apparecendo tal qual era, causou á infeliz Branca mil dissabores, tanto particular, como publicamente. Este perverso ente em vez de moderar a inclinação de D. Pedro para o mal, parece sentia prazer em instiga-lo a praticar crueldades.

Foi por este tempo que elle assassinou com sua propria mão o infeliz Rei de Granada, que, fugido de seus estados, procurára protecção e abrigo nos braços de um visinho, a quem tinha por justo e benigno, mas que encontrou perfido e cruel.

Uma nova paixão o fez esquecer por algum tempo a Maria de Padilha, cuja altivez começava a desgostá-lo. Foi D. Joanna de Castro a causa d'esta mudança, sendo tal a cegueira de D. Pedro, que até intentou divorciar-se com a Rainha para casar com ella. Forão porem suas tentativas infructuosas, pois debalde se dirigiu a ecclesiasticos e seculares. Uns e outros recusarão cobrir semelhante infamia com o véu da religião e da justiça. Persistindo porem a obstinação d'este Principe furiozo, effectuou-se por fim o casamento em despeito de leis divinas e humanas. Conservou-se por algum tempo occulto este consorcio; mas descoberto que foi, sentiu Maria de Padilha todo o furor do ciume, e decidindo-se a disputar á sua rival a posse do coração, ou antes da cabeça, de D. Pedro, conseguiu tomar sobre este Monarcha, tão fragil como malvado, o ascendente que nelle anteriormente tinha tido. D. Joanna viu-se tão vilipendiada, que se retirou a um convento.

Acabou-se finalmente a paciencia dos Castelhanos, e desesperados com tão repetidos desvarios de seu Rei, rebellárão-se grandes e pequenos. No meio desta rebellião foi D. Branca arrancada do convento, em que occultava suas lagrimas, por monstros, que desprezando a santidade do claustro, delle a conduzirão á morada do crime.

Este attentado acabou de irritar a Nobreza, que offendida por tão vil procedimento para com uma pessoa respeitavel por seu sexo, belleza, qualidade, e virtudes, fêz com que D. Henrique, irmão do Mestre de San-Tiago, implorasse soccorro da França. Esta medida exacerbou ainda mais D. Pedro; e desconfiando da segurança do lugar em que tinha preza D. Branca, a mandou para Medina Sidonia.

Entretanto todos os dias engrossava o partido dos descontentes; e Maria de Padilha, desejoza de sacrificar a Rainha á sua ambição, aproveitou esta cir-

cumstancia para instigar seu barbaro amante a trata-la com o maior rigor, persuadindo-o de que D. Branca estava de intelligencia com os rebeldes; que era só por seus conselhos que D. Henrique fôra implorar o soccorro da França; que todo o mundo conhecia os criminosos amores de D. Branca com o Mestre de San-Tiago; e que ambos estes anhelavão o momento da morte de D. Pedro para darem livre curso a sua escandalosa e illicita paixão. Estas praticas de tal maneira irritarão D. Pedro, que mandou assassinar D. Frederico em uma noute, por facinorosos, que sempre tinha assalariados para estas e semelhantes expedições.

Nem o sexo, nem a dignidade valêrão a D. Leonor, viuva do Rei d'Aragão, e tia de D. Pedro: foi apunbalada; e igual sorte tivêrão algumas damas da primeira ordem; tudo por mostrarem sentimento por a morte do Mestre.

A infeliz Branca morreu envenenada; e considerando a morte como termo de seus males, logo que sentiu os primeiros effeitos do veneno, mostrou grande alegria, e recusou todos os soccorros que quizerão prestar-lhe. Depois de ter cumprido todos os deveres da religião, excalou o ultimo suspiro no meio de suas damas, a quem fez os mais patheticos adeseus.

Maria de Padilha teve uma morte não merecida. Morreu naturalmente, e fizeram-se-lhe todas as honras funebres como a uma Rainha; querendo até D. Pedro fazer acreditar que tinha casado com ella. A memoria de esta mulher perversa será sempre odiosa á posteridade.

D. Pedro foi expulso do throno e morto por D. Henrique de Trastamara depois d'uma luta terrivel braço a braço entre os dous irmãos nos campos de Montiel no anno de 1369.

Não faltão authores que digão que para fazer mais odiosa a memoria de D. Pedro, o vencedor teve a arte de que os crimes e a crueldade de que era accusado fossem altamente exagerados, empregando para isso os meios que um rei tinha em aquelles tempos para dar á historia um falso colorido.

Muitas são as anedotas que se contão de D. Pedro; nós daremos fim a este artigo referindo duas nas quaes não só não apparece aquelle rei tão cruel como o pintão mas até brilha um rasgo generoso de justiça.

"N'uma das ruas de Sevilha existe o busto de D. Pedro, que indica o sitio em que este monarcha fêz uma morte, n'um encontro casual que teve uma noute que ia passeando só e disfarçado. Segundo conta a tradição, nunca se teria tido noticia do author, a não ser por uma velha, que ao retinnido das espadas, appareceu com uma candêa na mão á janella. Retirou-se immediatamente assustada, sem ver a cara do homem que matára a seu adversario. Examinada no dia seguinte pelos juizes, declarou que o homicida não podia ser outro senão o Rei, a quem tinha reconhecido pelo bem sabido ruido que fazia com os joelhos quando andava. D. Pedro ouviu a accusação sem se perturbar, sem contradizer, nem ultrajar á velha. Não podendo remover as suspeitas que excitou aquelle successo, mandou que o seu busto fosse collocado na rua em que tinha acontecido, da mesma sorte que se põem as cabeças dos malfetores na scena dos seus crimes. Ainda se dá o nome del *Candilejo* (*) á rua que está de frente do busto do rei, em memoria da candêa que a velha tinha na mão quando ouviu o barulho da pendencia.

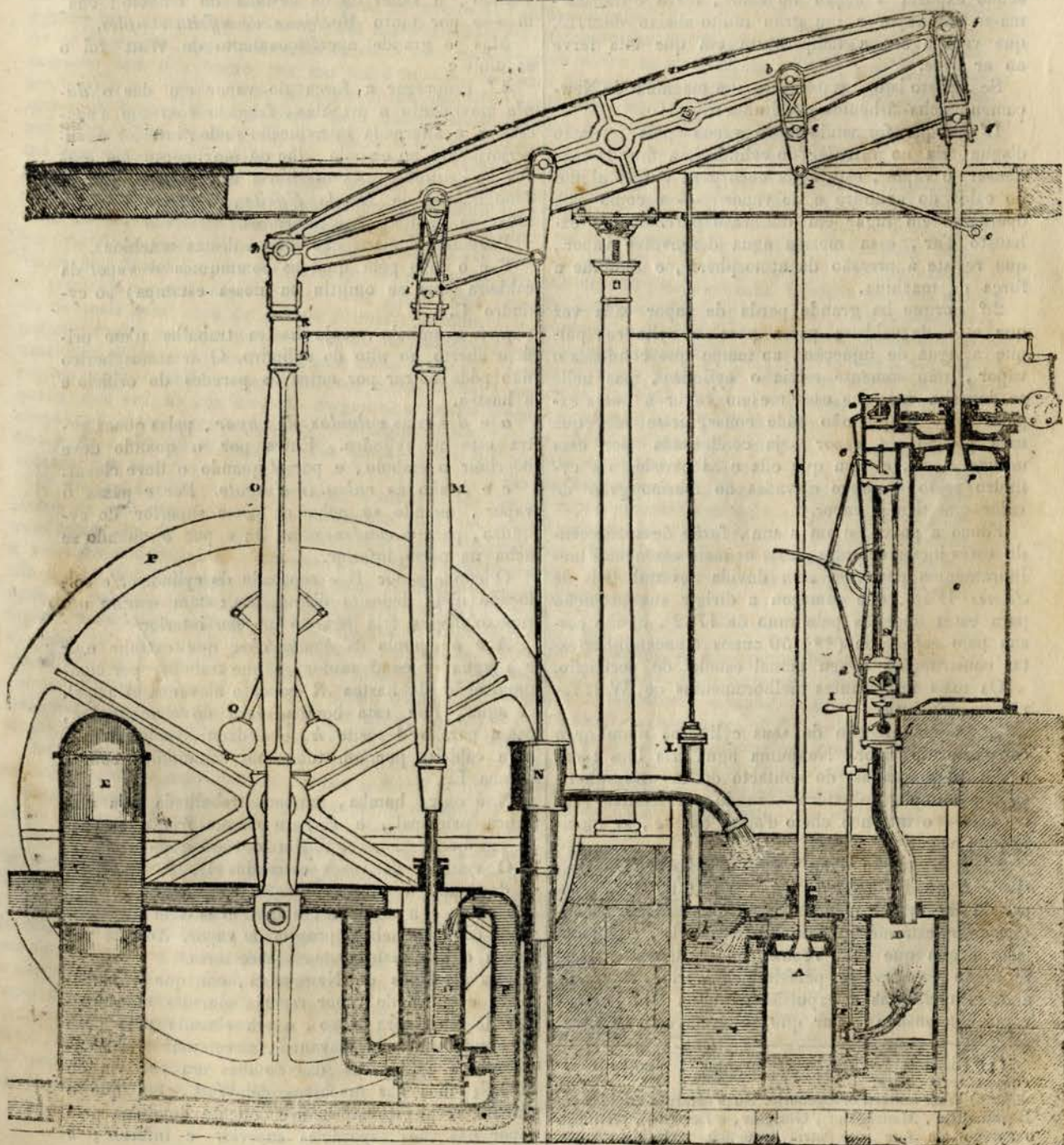
Qual era o estado da moral publica n'aquelles tempos, e quanta a inefficacia das leis contra os poderos-

(*) Em hespanhol *candil* ou *candiljo* é a candêa de garavato. Apenas ha um anno que nos theatros de Madrid se representou pela primeira vez uma comedia intitulada—*La Vieja del Candilejo*, fundada n'este facto historico

tos, pode-se inferir d'outra historia que nos tem conservado os chronistas de Sevilha.

“ Havia no principio do reinado de D. Pedro na cathedral d'esta cidade um prebendado que quiz seduzir uma mulher formosa, casada com um çapateiro. As frequentes visitas do amante fizêrão entrar em zelos ao marido, o qual lhe intimou que não puzesse mais os pés em sua casa. O clérigo, julgando-se insultado, encheu-se de raiva, e despachou o marido para o outro mundo. Passado isto, acolheu-se ao asylo sagrado da cathedral, e d'ahi a pouco tempo foi posto em liberdade pelo arcebispo, que se contentou com lhe impôr uma pena muito leve. Um filho do morto, que, ainda que joven e pobre, tinha sentimentos elevados, fez queixa ao rei, no sitio em que este costumava dar audiencia aos seus vassallos, que era um espaço aberto, rodeado de bancos de pedra, e situado junto ás portas do palacio. Esta especie de terrado ainda se conservava no meado do seculo dezese- te. O orfão queixou-se amargamente do arcebispo por

ter deixado sem castigo o assassino de seu pae. D. Pedro ouviu com grande attenção o que disse o mancebo, chamou-o á parte, e perguntou-lhe se se sentia com valor para vingar sua offensa, ao que respondeu, que isso era o que mais desejava. “ Pois bem, disse-lhe o rei, fa-lo assim, e vein logo depois implorar a minha protecção. „ Não foi necessario dizer isto duas vezes ao mancebo, e na primeira occasião fez ao prebendado o que este tinha feito a seu pae. Accolheu-se ao palacio, foi entregue á justiça, e marcou-se dia para se julgar a causa. D. Pedro ouviu no tribunal o advogado do arcebispo contra o preso, e perguntou depois qual havia sido a sentença pronunciada pela Curia contra o prebendado. “ A suspensão *a divinis*, respondeu o letrado, pelo termo d'um anno. „ — “ Que officio tens ? „ perguntou então o monarcha ao preso. — “ Çapateiro „ replicou este. — “ Vistos os autos, continuou o rei, condemnamos o reo a que seja privado de fazer çapatos, pelo termo d'um anno. „ — E assim se fez. „



MACHINA DE VAPOR DE DUPLO EFfeito INVENTADA POR WATT EM 1784.

MACHINAS DE VAPOR.

(Continuado do nosso N.º 5.)

ASSENTA'MOS em nosso ultimo N.º os principios geraes em que se funda a construcção das machinas de vapor; descrevêmos a *Machina* denominada de *Newcomen*, seu principal (*) inventor; e acabámos por dizer, que, não obstante as grandes vantagens que offerecia, tinha com tudo muitas e consideraveis imperfeições. Declararemos hoje quaes estas sejam, e apontaremos os melhoramentos que para obviar a taes defeitos, se introduzião na construcção das machinas de vapor.

Para cabal intelligencia da materia é-nos necessario enunciar mais um principio de experiencia; e vem a ser:

VI. A agua collocada em vasos exhaustos d'ar, em que ella não soffre a pressão atmospherica, — sendo exposta á acção do calor, ferve e transforma-se em vapor a um gráo muito abaixo de 212º, que vem a ser a temperatura em que ella ferve ao ar livre.

Se, posto isto, examinarmos a machina de *Newcomen*, acha-la-hemos defeituosa:

1.º Porque formando-se o vacuo pela injecção d'agua fria no interior do cylindro, a fim de condensar o vapor, esta agua encorpora em si algum do calor do cylindro e do vapor, — e como esta operação tem lugar em um vaso parcialmente exhausto d'ar, essa mesma agua desenvolve vapor, que resiste á pressão da atmospherica, e diminue a força da machina.

2.º Porque ha grande perda de vapor cada vez que este da caldeira passa para o cylindro; pois que a agua de injecção, ao tempo que condensa o vapor, não sómente esfria o cylindro, mas nelle se deposita até que esse mesmo vapor a possa expellir, — o que não póde conseguir-se sem que uma porção do vapor seja condensada por essa mesma agua, e sem que ella e as paredes do cylindro sejam de novo elevadas ao mesmo gráo de calor que tem o vapor.

Pouco a pouco, e um a um, forão desapparecendo estes inconvenientes; mas os mais essenciaes melhoramentos devem-se sem duvida aos trabalhos de *James Watt*, que começou a dirigir sua attenção para estes objectos pelo anno de 1762, e não cessou pelo espaço de (***) 50 annos a encaminhar estas construcções a seu actual estado de perfeição.

Os mais importantes melhoramentos de *Watt* forão os seguintes:

1.º A manutenção de seus cylindros n'um gráo constante de calor. Nenhuma agua fria lhes toca; e são resguardados do contacto do ar atmospherico por um cylindro externo, sendo o intersticio (entre este e o interno) cheio d'agua quente, ar quente, ou vapor.

2.º A formação d'um vacuo o mais perfeito possível. A condensação do vapor faz-se n'um vaso separado do cylindro. Este vaso, denominado o *condensador*, está mergulhado em agua fria, e tem um jacto d'agua que nelle repuxa constantemente. Deste modo conserva-se perfeitamente frio. Acresce a estas melhorias a expulsão da agua de injecção, vapor condensado, e ar que se desenvolve da agua,

(*) Dizemos "seu principal inventor", porque *Newcomen* teve socios.

(**) *Watt* morreu octogenario. Suas estatuas erigidas em Birmingham, Manchester, Glasgow, e Londres, testificão o apreço em que sua patria teve seus trabalhos.

por bombas particulares destinadas a estes fins.

3.º Em vez do emprego da pressão da atmospherica para forçar o embolo do cylindro a descer, substituiu-se-lhe a mesma força do vapor que opéra sobre a parte superior do embolo; e deste modo fica sendo o primario agente da machina. Para este fim fecha-se o cylindro pela parte superior, e trabalha a hastea do embolo n'um orificio feito nessa parte superior do cylindro. Um *ajustamento* de estopas prohibe a entrada do ar por entre a hastea e o orificio.

Desta sorte o vapor que entra por baixo do embolo não serve (assim como nas machinas de *Newcomen*) senão para a formação do vacuo. A differença essencial entre as machinas mencionadas de *Watt*, e as de *Newcomen*, consiste em que nas do 1.º é a força do vapor que obriga o embolo a descer, e que nas segundas é a pressão atmospherica que produz este effeito. Em umas e outras, a força agente não obra senão n'um unico sentido, a saber no da descida do embolo; chama-se por tanto *Machinas de effeito simples*.

Mas o grande aperfeiçoamento de *Watt* foi o seguinte:

4.º Empregar a força do vapor em dar o *duplo* movimento á machina, fazendo com que a successiva e alternada introdução delle, inferior e superiormente ao embolo, lhe dê movimento em *ambos* os sentidos. As machinas assim dispostas são denominadas de *Duplo Effeito*, e são a base de todas as modificações ulteriores.

Passemos á descripção d'uma destas machinas.

S é o tubo pelo qual se communica o vapor da caldeira (que se omitiu na nossa estampa) ao cylindro C.

p é o embolo, cuja hastea trabalha n'um orificio aberto no alto do cylindro. O ar atmospherico não póde entrar por entre as paredes do orificio e a hastea.

a e d são as *valvulas de vapor*, pelas quaes entra este no cylindro. Entra por a quando deve deprimir o embolo, e por d quando o deve elevar.

c e b são as *valvulas d'esgoto*. Por c passa o vapor, quando se acha na parte superior do cylindro, para o *condensador* B; e por b quando se acha na parte inferior.

O condensador B é separado do cylindro, e collocado n'um deposito d'agua fria; tem sempre um repuxo d'agua fria jogando no seu interior.

A é o embolo da *bomba d'ar* que extrahê o ar e a agua do condensador, e que trahilha por communicação da hastea R como a alavanca principal. A agua, que esta bomba eleva do condensador, passa para o deposito k, e é daqui conduzida para a caldeira por um tubo que communica com a bomba L.

N é outra bomba, tambem trabalhada pela alavanca principal, e fornece d'agua fria o deposito em que está mergulhado o condensador.

O systema de vasos marcados D, E, F, G, H, é destinado a uma applicação particular da força que offerece a machina, e que nada tem de commun com a machina propria de vapor. Adiante veremos o uso deste systema accessorio.

Nas machinas de *Newcomen*, em que o embolo do cylindro de vapor recebia sómente uma pressão de cima para baixo, e era elevado pelo pezo do outro braço da alavanca, a communicação entre esta e as hasteas das bombas era por via de cadêas; mas nas machinas de *Watt*, em que o embolo recebe pressões directamente incutidas pelo vapor nas suas superficies superior e inferior, é

claro que cadêas não servem, porque no movimento do embolo de baixo para cima ficarão as cadêas bambas, e não communicarão movimento algum á alavanca. Foi por tanto necessario ligar as hasteas immediatamente á alavanca; e, a fim de que ellas trabalhassem verticalmente, inventou-se o complexo de barras de ligação, que se vê na figura nas letras superiores *b c d e g i &c.*, em que estas barras, fixas em uns pontos, e movendo em eixos em outros, conservão as hasteas perpendiculares em seus movimentos. A esta communicação engenhosa deu-se o nome de *communição parallela*. E para que a machina podesse abrir e fechar de por si as *valvulas de vapor e d'esgoto*, ligarão-se estas de modo que *a* com *b*, e *c* com *d* trabalhão em pares; abrindo-se simultaneamente *a* e *b*, quando *c* e *d* se fechão; o que se effectua por via do mechanismo que se vê na figura em connexão com a manivella que toca alternadamente em um de 2 botões na hastea *R*, e que deste modo communica o movimento necessario ao systema de valvulas. Este systema de valvulas é um pouco difficultoso de conceber pela mera inspecção da figura; mas comprehender-se-há com maior facilidade se dissermos, que todas estas valvulas não communicão com o cylindro por um unico tubo *S*, como parece na figura, mas sim por dous, um dos quaes na mesma fica encuberto pelo outro; sendo um tubo o que contem as valvulas *a* e *d*, e outro que contem as valvulas *c* e *b*. Estas valvulas podem-se tambem abrir e fechar á mão, e deste modo pôde fazer-se parar a machina n'um momento.

O melhor modo de usar da força de machina é por via d'uma roda *Volante P*, a qual unida á alavanca pela hastea *O* pôde communicar um movimento rotatorio ao eixo sobre que se fizer girar. Sendo de mais esta roda de grande diametro e muito pezo, adquire no decurso do trabalho da machina uma velocidade mui grande, e deste modo serve como um deposito de força para absorver o excesso daquella que em alguma occasião communicar a machina, ou accrescenta-la quando a machina falhar com toda a sua força regular. Na nossa figura o volante não tem outro destino.

O *Moderador Q* communica com o eixo do volante; as esferas de metal que terminão suas extremidades são de tal sorte ligadas, que, quando a velocidade do volante é demasiada, ellas que girão horisontalmente apartão-se em suas revoluções uma da outra, e deste modo, por via da vara *R*, fazem mover uma valvula no tubo *S* que diminue a quantidade de vapor que trabalha o embolo do cylindro; pelo contrario, quando a velocidade do volante é menor do que deve ser, ellas, unindo-se mais em suas revoluções fazem entrar maior quantidade de vapor para o cylindro.

Depois desta explicação julgamos não haverá duvida na intelligencia do modo porque trabalha a machina.

Supponhamos o embolo na parte superior do cylindro, como a fig. o representa, e a inferior cheia de vapor; abirão se as valvulas, a de vapor *a*, e a de esgoto *b*; aberta a communicação entre o cylindro e o condensador, o vapor passa para este, e deixa vazio o cylindro; em quanto que o vapor da caldeira entrando por *a*, carrega sobre o cimo do embolo e obriga-o a descer. Immediatamente que este chega ao fundo do cylindro, abre-se a valvula de vapor *d*, e a de esgoto *c*, e as duas outras se cerrão; o vapor passa pela valvula *c* para o condensador, em quanto que o embolo é obrigado a subir pela força do vapor que entra pela valvula *d*. Deste modo continua o movimento.

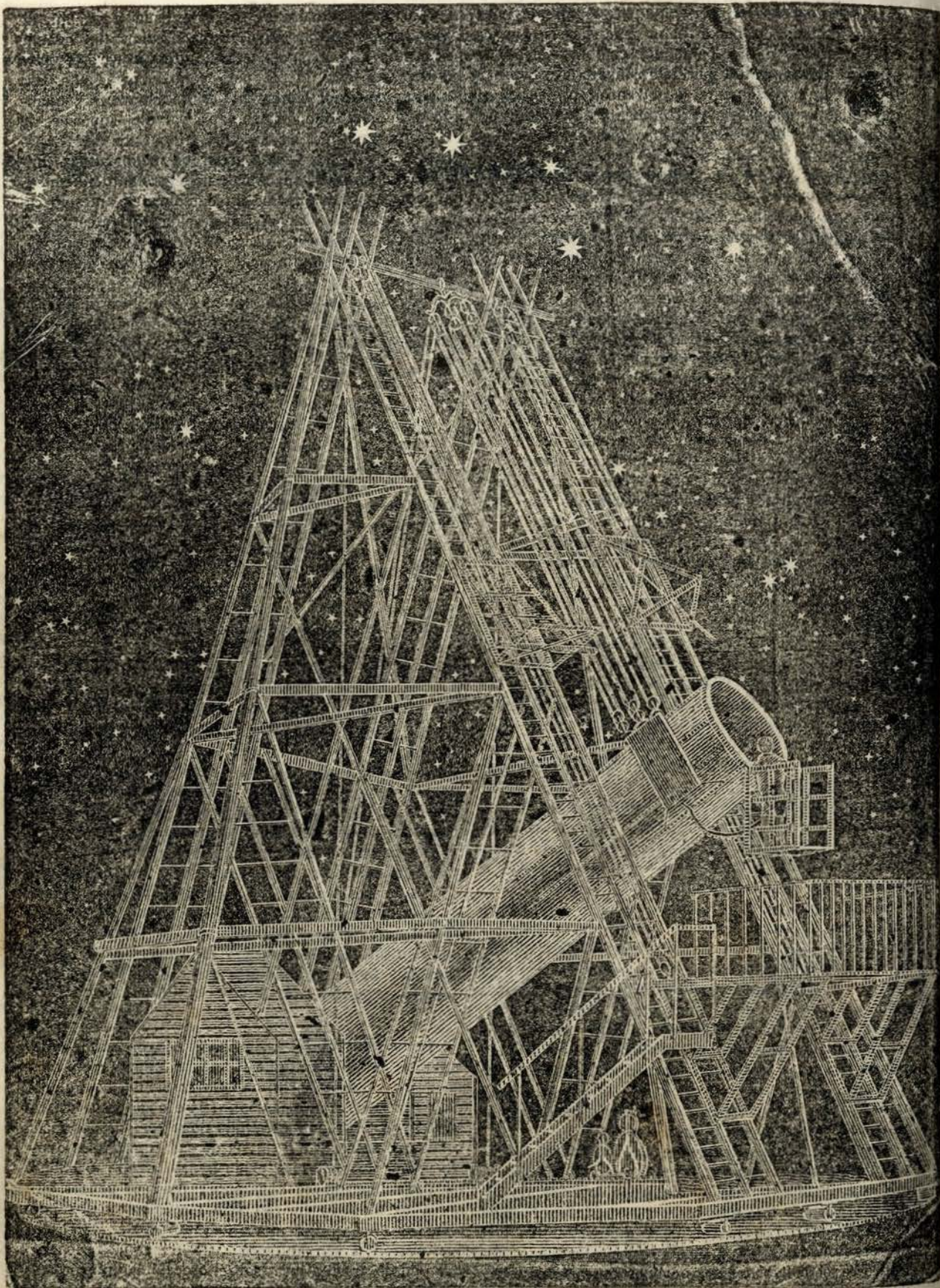
Na nossa gravura vê-se empregada a machina de Watt, para elevar agua. Supponhamos um grande deposito d'agua n'um tanque que a reverte para o deposito d'ar *H*, e pelo cano *F* passa ella para a parte superior do embolo *D* da bomba *M*; quando o embolo sobe, fecha-se a valvula superior de *F*, e a agua é forçada para o deposito d'ar superior *E*, donde se eleva a maior ou menor altura conforme a força da machina; no entretanto foi-se enchendo a parte inferior ao embolo pelo mesmo cano *F*, e o embolo em sua descida obriga esta agua a passar tambem pelo cano *G* para o deposito *E*, donde sãe como antecedentemente. Os depositos d'ar servem para pela compressão do mesmo conservarem um jacto continuo, e elevarem a agua a maior altura. O mechanismo que acabamos de descrever parece-se muito com a machina denominada o *Ariete Hydraulico*, por cuja via um deposito d'agua, que fornece uma corrente d'agua caindo da altura de $4\frac{1}{2}$ pés, é capaz de elevar grande parte da agua desse deposito a altura de 134 pés. A compressão do ar é em mechanica um mui poderoso agente.

As machinas de *Duplo* effeito gozão tanta vantagem sobre as de *Simples* effeito, que Watt, que para as primeiras tirou um privilegio exclusivo em Inglaterra, não exigia outra remuneração pelas licenças que concedia para se fazer uso de suas machinas, do que *uma terça parte do valor do carvão que ellas economisavão quando comparadas com as de simples effeito*. Na Mina de Chacewater, onde havia 3 machinas de duplo effeito, pagava-se por compromisso a Watt (e seu socio Boulton) a quantia annual de 2,400 libras inglezas ou Rs. 9,600\$000 proximamente. Diremos mais em abono da determinação emprehendedora, e consciencia da verdade dos principios scientificos destes mechanistas, que desembolçarão 47,000 libras (ou 188 contos de réis) antes que colhessem lucros de suas invenções. Os resultados que o tempo lhes offereceu, remunerou-os a final de tanto trabalho e risco.

As machinas que até aqui temos descripte, tanto neste como no antecedente N.º, são denominadas de *baixa pressão*, porque não empregão força de vapor consideravelmente maior que a da pressão atmospherica. As machinas de *Alta Pressão* differem destas no emprego de vapor em força espantosa; mas terminaremos este assumpto em um numero seguinte.

Acido Prussico. — Um periodico de Sunderland assegura que o Sr. João Robinson, doutor em medicina, tem descoberto o modo de neutralizar o acido (Prussico) hydrocyanico, (*) e o descreve d'esta sorte: — Havendo escolhido dous coelhos dos mais robustos, applicarão á lingua de cada um d'elles quatro gotas do poderoso acido hydrocyanico; o effeito foi instantaneamente apparente, pois aos poucos minutos os animaes ficarão sem movimento e segundo todas as apparencias mortos. Então o Dr. Robinson administrou o seu antidoto, isto é, agua fria lançada desde uma altura sobre o occipicio ou touthço e espinhaço, havendo anteriormente diminuido a temperatura da agua com nitrato de potassa e sal commum. O effeito foi magico; porque cada um dos coelhos á sua vez começou a dar pulos no ar na sala como se estivesse gozando da mais completa saude.

(*) Existe em varias substancias vegetaes, como nas folhas do louro-serejo, nas folhas e flores do pecegueiro, nos caroços das cerejas pretas, &c. *Pharmacographia do Sr. Dr. Albano pag. 65.*



O GRANDE TELESCÓPIO D'HERSCHEL.

SOBRE TELESCÓPIOS

A PALAVRA Telescópio é composta de duas palavras gregas; a saber: *tele*, longe; e *scopé*, ver; donde telescópio indica um instrumento para ver objectos

distantes, e tacitamente inclui a propriedade de mostrar esses objectos com maior clareza e grandeza.

Em phrase vulgar, denominamos *oculos de ver ao longe* os telescópios que são empregados para aproximar a vista as imagens dos corpos terrestres; e reserva-se a denominação de *telescópio* para os ins-

trumentos destinados á observação dos corpos celestes.

Os telescópios podem ser de *refracção*, ou de *reflexão*.

Chamão-se telescópios de refracção aquelles instrumentos em que os raios de luz (que provenientes d'um objecto distante formão a sua imagem no olho) chegam ao observador a *travez* de vidros. Nesta passagem os raios da luz não seguem a linha recta, mas *quebrã-se* (e é o que quer dizer a palavra *refringen*, donde est'outra *refracção*) em varias direcções e segundo certas leis physicas. O resultado desta direcção angular do raio luminoso é o apparente augmento do diametro do objecto. Os nossos olhos de-ver-ao-longe usuaes são de refracção.

Telescópios de reflexão são aquelles em que os raios, provenientes do objecto a que se dirige o instrumento, são recebidos e transmittidos em varios espelhos metallicos, de pulimento mui superior, aos olhos do observador. A forma destes espelhos, concava para o lado donde vem os raios de luz, e sua collocação, fazem com que estes instrumentos augmentem consideravelmente a grandeza apparente dos objectos. Falta-lhes comtudo a clarêza (em gráu igual d'augmento) dos telescópios de refracção.

A invenção do telescópio foi uma descoberta das mais uteis que se encontrão nos annaes da Astronomia. Por sua via tem-se-nos patenteado os intimos mysterios do vasto ceu que nos rodeia, e a Sciencia se acha edificada sobre bases de certeza a que nunca os seculos passados poderão aspirar.

Como em todas as descobertas grandiosas — tem-se dado ao telescópio um inventor, e disputas, tão frivolas quão violentas, se tem elevado, entre litteratos e nações, sobre a gloria que cada um aos seus tem querido attribuir; mas, tambem do mesmo modo como na maior parte dessas descobertas afamadas, a *invenção* do telescópio foi *gradual*, e o nome daquelle que primeiro teve a feliz idea fundamental do invento (por imperfeita que fosse) acha-se escripto no livro de registro, nunca encontrado, das cogitações humanas. O *aperfeiçoador* mais notavel, sim, poderá talvez nomear-se.

Assim dos telescópios de refracção, o grande Galileu foi, pelos annos de 1609 até 1610, o principal aperfeiçoador; e Isaac Newton, de não menor renome, levou o telescópio de reflexão a um ponto de perfeição que os mais modernos tem em pouco augmentado.

A enorme fabrica, que o leitor vê representada na estampa que orna o presente artigo, é o Telescópio de reflexão de *Herschel*, o celebre astronomo inglês, cujo nome é por muitos conferido ao planeta, por outros denominado *Urano* e por elle descoberto. Não menos agradecida foi a Astronomia ao instrumento que tantos novos astros indicou, e o nome da *constellação do Telescópio d'Herschel* foi conferida a uma notavel agglomeração d'estrellas no hemispherio do sul.

Tentaremos dar uma succinta descripção deste pomposo instrumento.

O telescópio está collocado na direcção da linha Norte-Sul; e o ponto de vista da nossa gravura foi tomado a Sudueste do mesmo.

O tubo é formado de folha de ferro da grossura de $\frac{1}{36}$ de pollegada. Seu comprimento é de 39 pés inglezes (*) e 4 pollegadas; e seu diametro

de 4 pés e 10 pollegadas. Se este tubo fóra construido de madeira, pezára mais 2000 arrateis do que peza o actual. Varias capas de tinta neutralisão os effeitos dos phenomenos atmosphericos sobre a materia do tubo.

O grande espelho de reflexão, collocado junto á parte inferior do tubo, é de metal, e sua parte polida, de forma concava, tem 4 pés de diametro. Quando veio da fundição pezáva 2118 arrateis; mas algum pouco pezo deverá ter perdido no polimento que se lhe deu. Para livrar a este espelho das influencias atmosphericas em quanto não se faz uso do telescópio, ha uma tampa de folha de flandres com que se póde cobrir.

A parte superior do tubo é aberta, e é neste logar que se colloca o observador, com as costas viradas para o astro a que se dirige o instrumento. Um lance d'escadas conduz á varanda destinada a este fim. Olhando a través d'um vidro ocular (*) fixo nesta extremidade superior do tubo, dirige o observador sua vista para o fundo do mesmo, donde lhe é reflectida, da superficie polida do grande espelho, a imagem augmentada do astro. Junto ao mesmo logar do observador ha um tubo *porta-voz*, que communica com os dous casotos de madeira contruidos sobre a plata-forma ou base do instrumento. N'um destes quartos se guardão instrumentos astronomicos e objectos necessarios ao observador, e aqui póde um assistente tomar nota do que este lhe comunicar. No outro quarto se acha collocado o mecanismo primario que impelle o movimento ao systema geral da machina, de maneira que aos operarios que aqui trabalham possa o astronomo indicar a direcção que deseja se dê ao tubo, sem perder de vista o astro que tem no campo do telescópio. Ainda que este tubo porta-voz tenha 15 pés de comprimento, exige a communicação da voz mui pouco esforço.

A base circular de madeira que sustenta todo o systema do instrumento tem 42 pés de diametro e gira sobre 20 rollos, em quanto que o tubo póde dirigir se, em todas as direcções desejadas, por uma combinação de cordas, moitões, e rodas engranadas. Por complicado que pareça este mecanismo, basta um unico assistente para dirigir o tubo na direcção conveniente durante uma observação. O comprimento das escadas, que sustentão o barrote principal, donde pendem os moitões, é de 49 pés e 2 pollegadas.

Este telescópio tem uma força d'augmento prodigiosa, magnificando a apparencia dos objectos 6000 vezes. No dia em que o tubo foi collocado em seu logar, a saber em 28 d'Agosto de 1789, foi descoberto o sexto Satellite do planeta Saturno; e em tempos posteriores milhares d'observações sobre a Lua — sobre as estrellas fixas (e especialmente sobre aquellas cuja luz é variavel, e sobre outras que ao olho nu parecem singelas em quanto que o telescópio as apresenta como a reunião de varias) — sobre as manchas que apresentão os discos dos planetas — &c. &c. tornarão immortaes a *Herschel* e a seu Telescópio.

ORDEM TEUTONICA.

Esta ordem religiosa de cavalleiros foi fundada em 1190 por Frederico, duque de Suabia, no tempo das Cruzadas e durante o cerco de Acre; devendo ser

(*) O pé inglêz de que aqui usamos é igual $1 \frac{3851}{10000}$ palmos portuguezes. Isto é 1 palmo, e uma fracção que é meos do que meio palmo e mais que um terço.

(*) Em todos os oculos, o vidro junto ao olho do observador chama-se *ocular*, e aquelle, que fica do lado do objecto que se encara, denomina-se *objctivo*.

admittidos nella sómente os Allemaões que fossem nobres e desta circumstancia lhe veio o nome. A regra da ordem era analogã á dos Templarios. O fim principal d'esta associação era defender a religião christã contra os infieis e assistir aos doentes na Terra-Santa. Como a ordem era dedicada a Nossa Senhora, os cavalleiros chamavão-se tambem Irmãos da casa Allemaã de Nossa Senhora de Jerusalem. O vestido dos membros era preto, com uma capa branca, sobre o qual levavão uma cruz preta com um galão de prata. O Gram-Mestre viveu primeiramente em Jerusalem, e desde 1297 em Marburgo. A ordem com o tempo adquiriu grandes riquezas.

No principio do seculo XV chegou ao maior auge do seu poder. Seu territorio se estendia desde o Oder até o golfo de Finlandia e suas rendas annuaes se calculavão em 800.000 marcos. Depois d'essa epoca foi declinando gradualmente em consequencia do seu luxo e dissensões. No anno de 1309 o Gram-Mestre fixou sua residencia em Marienburgo, na Prussia: porem o governo da ordem chegou a ser tão oppressivo que a Prussia occidental se submetteu no seculo XV á Polonia; depois perdeu a Prussia oriental. Desde 1527 o chefe da ordem teve sua residencia em Mergenthein, na Suabia, agora parte do reino de Württemberg, e chegou a ser um principe espirital do imperio. Na paz de Presburgo, o imperador da Austria obtêve a dignidade, direitos e rendas de ordem Teutonica; porem em 1809 em consequencia de guerra que a França teve com a Austria, Napoleão aboliu esta ordem em Rastisbona. As terras forão adjudicadas aos principes em cujos territorios estavam situadas. Agora um dos archiduques da Austria toma o titulo de Gram-Mestre da ordem Teutonica n'aquelle imperio.

Julgamos necessario esta breve noticia para melhor se comprehender o que se segue.

HUGO,

TRADIÇÃO TEUTONICA

DO TEMPO DOS CAVALLEIROS DA CRUZ

NA POLONIA E NA LITUANIA.

I.

A FUGIDA.

A FRESCURA da noite começava a sentir-se; o ceu d'um azul escuro perdia sua transparencia; e o sol cançado da sua carreira diurna desaparecia nas ondas do mar Báltico, e os seus raios enfraquecidos reflectindo na negra basilica de Marienburgo, davam ás suas vidraças um último clarão como se fosse uma melancólica despedida.

Uma joven virgem, encerrada no recinto do claustro, acabava de dizer seu derradeiro adeus ao mundo e aos seus prazeres. As frescas rozas da sua coroa tinhão sido desprendidas uma a uma, cedendo seu lugar ao veu das filhas do Senhor, e quando estendida sobre o mármore e cuberta com a mortalha, pronunciou os votos eternos, seu trémulo coração cessou de palpar; as lagrimas que corrião pelas suas faces ficarão geladas, e uma horrivel pallidez cubriera seu bello rosto como se ella estivesse prestes a expirar n'aquelle instante.

Acabado o sagrado mysterio, apagarão-se as tochas; as religiosas retirárão-se para o seu santo asylo, e o povo saiu silencioso pela grande porta da basilica. Um cavalleiro ficou só, encostado a uma

das columnas do templo deserto. Como tinha a viseira corrida não era possível distinguir suas feições; mas sua armadura dava a conhecer que elle era um defensor da religião de Christo: a cruz da ordem Teutónica brilhava sobre seu peito.

Primeiramente ficou immovel como uma estatua de mármore que guarda os sepulcros, logo uma convulsão involuntaria se apoderou de todos os seus membros. Quem poderia perturba-lo d'esta sorte? Seria a debil luz que veio dissipar por um momento a profunda escuridão? Porem esta luz era o luar que dava nos caixilhos dourados dos grandes quadros sagrados. Seria o ruido longinquo que chegou até onde elle estava? Porem este ruido era o echo da ultima oração que as religiosas dirigião ao Senhor. — Seria o temor de achar-se só, tão tarde, n'este templo, cujas grandes lageas cubrião as sepulturas? — Não, não era o medo quem intumecia o peito do cavalleiro, não era o medo quem o fazia escutar com o mais attento ouvido o menor ruido, não era o medo quem o privou da voz quando viu dirigir-se para elle, no meio da escuridão, uma forma leve, quando sentiu que uma mão suave e trémula apertava brandamente a sua.

Elle tambem apertou essa mão, e saiu precipitadamente do sagrado recinto; dous cavallos vigorosos, presos a pequena distancia, tascavão seus freios, e parecião tão impacientes como seu amo. O cavalleiro saltou n'um d'elles depois de ter ajudado a montar n'outro o seu joven companheiro.

Mas porque correm tanto? Porque se retirão tão de pressa da estrada real e se mettem nos bosques e atravessão terras incultas? Porque virão a cada passo a cabeça para olhar para traz com um ar de sassocegado? Não parece senão que levão azas para se afastarem das terras prussianas; porem apesar da sua velocidade o mais velho dos dous cavalleiros não perde de vista seu companheiro; separa as ramas que poderião magoar seu rosto, modera de quando em quando a marcha rapida do seu cavallo, e attende ao joven pagem com aquelle esmero com que uma mãe attende ao seu primogenito.

Os viajantes não fallão uma palavra; só um suspiro de allivio dilata seus peitos quando cessão de perceber o mosteiro dos Teutónicos; atravessão com a rapidez do raio bosques de pinheiros seculares; calcão as plantas odoríferas correndo por uma vasta extensão de mato; chegam ás margens do Niemen, em cujas aguas vê-se a lua reflectida em columna trémula e argentada. O mais velho dos cavalleiros toma a brida do cavallo do seu pagem e se lança no largo rio; os cavallos dilatão suas ventas com o ruido, a sua espuma mixtura-se com a espuma das ondas, e quando chegam á margem opposta, onde os bosques se perdem de vista, o cavalleiro affrouxa o passo, e inclinando-se para o seu companheiro diz-lhe em voz baixa como se alguém podesse ouvi-los:

“ Não tarda que saíamos d'esta terra maldita; cedo refugiados no fundo da Lituania, onde Jagellon me chama, nada teremos que temer os terriveis decretos do tribunal secreto Animo! animo! já nos approximamos a Troki; esse castello pertence a Jagellon; uma guarnição Teutónica o defende; alli, eu commando meus irmãos, alli no meio dos meus valentes soldados nada tenho que recear dos traidores que me perseguem. Os espiões encarregados de executar a sentença que ameaça a minha cabeça terão perdido os vestigios dos meus passos, e não ousarão seguir-me até a minha querida Lituania. Deus sabe que nunca me esquivei do perigo; allegro-me nos torneios da nossa ordem, e no movimento dos combates; porem fujo do perigo sem glo-

ria, fujo do punhal que pode alcançar-me mesmo aos pés da minha amada, mesmo na casa d'um amigo.

O pagem estremeceu, e estendeu seu debil braço para proteger o seio do seu companheiro; em seguida dirigindo para o cavalleiro um olhar cheio de ternura e de espanto: "Fujamos pois, disse-lhe, a toda pressa."

Ambos picão seus cavalloos, e passam perto das grandes possessões dos duques de Lida. O sol nascente apenas dourava as elevadas torres do palácio; os bosques e as planicies visinhas ainda estavam cubertas de sombra; a natureza acordava fresca e riso-nha, os passarinhos começavam a elevar o seu canto matutino, as hervas de mil côres despediã seus variados aromas; porem os dous fugitivos, insensíveis a este esplendor nascente, no que unicamente pensavam era em apressar a marcha dos seus cavalloos. Lida desappareceu aos seus olhos como desapparece um sonho lisonjeiro; atravessãrão novamente prados, bosques, e montes de pequena elevação; finalmente, quando o sol se inclinou por detraz das collinas que encobrem o rio Wilia, e que as sombras se derramãrão sobre o ceu e sobre a terra, o cavalleiro tocando levemente o hombro do seu pagem amostrou-lhe os muros d'um castello.

"Olha, disse elle, ahi está o castello de Kieystut; essas são as terras que se perdem de vista; aquella alta torre é o templo dos idolatras, aonde seu idolo Perkonnas, dia e noute é adorado. Aqui poderemos descansar sem receio algumas horas. — Porem, não vês tu, accrescentou com uma voz mais alterada, desenhar-se ao longe uma estensa planicie azul? é o mar de Troki; acolá está o castello de Troki; — acolá encontraremos repouso e felicidade."

II.

O CAVALLEIRO DO TRIBUNAL SECRETO.

O MOSTEIRO de Marienburgo, apesar do seu aspecto severo, é menos triste do que o triste castello de Kieystut, cuja velhice não é disfarçada por nenhum adorno: neste não se vêem aquellas laminas de prata que reflectem tão claras a luz, o solho não é cuberto com brandos tapetes, os pannos de raz com brilhantes côres não cobrem as paredes nuas; a salla principal tem o ar d'uma prisão obscura; o vento que penetra pelas fendas circula livremente, e resoa com um ruido lúgubre; numerosas columnas sustentão a sombria abobada, e as vidraças de mil côres apenas deixam entrar a claridade do dia. Estas janelas tão avaras de luz, tem sido mais d'uma vez outras tantas aberturas que vomitavam a morte; ainda conservão as negras marcas dos combates.

Uma lâmpada allumia debilmente esse sallão; apesar da hora avançada, dous viajantes, isto é, dous cavalleiros chegados poucas horas antes de Prussia, vellão ainda attentamente. Um d'elles traja uma couraça, e um capacete d'aço; uma grande capa na qual se vê bordada a cruz cobre parte do seu corpo: uma cruz de brilhantes reluz sobre o seu peito, e uma espada de dous fios pende a seu lado. Este joven é Hugo, o Komtur da ordem Teutonica: seu companheiro não traz a espada dos cavalleiros, nem o seu peito está cuberto com a couraça; veste simplesmente como um pagem, e está assentado n'uma attitudo melancolica. Os anneis do seu cabello louro saindo por debaixo do seu barrete de veludo ondeão sobre os seus hombros, e os seus olhos, claros como o azul do ceu, estão fitos nos de Hugo, com uma expressão de agitação e amor.

"Minha querida, disse-lhe então Hugo, apertando suas mãos entre as della, tranquilliza-te, entre-

ga-te ao descanso tão necessario depois de tantas fadigas. Aqui estamos quazi seguros, dentro de algumas horas estaremos fora de todo perigo, e então poderemos amar-nos sem receio e sem terror. Acredita-me, querida Branca, Deus nos perdoa, e nos protege, porque Deus só quer os sacrificios voluntarios. Esse véu que teus parentes te obrigarão a tomar teria sido profanado pelo horror que te inspirava. Teus primeiros votos forão para mim; esses hão de ser cumpridos, amanhã seremos livres e felizes."

"Felizes!", repetiu ella, acenando a cabeça em ar de quem duvida; e o som lastimoso da sua voz foi afogado pelo retinido de pesadas esporas que resoavam nas gallerias. Abriu-se a porta vagarosamente, e um cavalleiro de estatura gigantesca se dirigiu para onde elles estavam. A sua viseira preta estava cuidadosamente cerrada; sua couraça e talabarte erão pretos, bem como a pluma que ondeava sobre o seu capacete. Encostou-se a um dos pilares, cruzou os braços, e ficou em pé, sombrio e silencioso.

Branca estremeceu, e approximou-se involuntariamente do seu amante. Hugo levantou-se, e empunhando sua espada: "Quem és tu? perguntou elle ao cavalleiro desconhecido; és tu nosso irmão? um cavalleiro da Santa-Fé? Que vens fazer aqui? que me trazes?"

— "A tua morte, Hugo!"

Uma nuvem cubriu a cara do Komtur. "A minha morte, dizes tu? Tens visto em alguma parte a pereira de Bodelsehwing? Voltas tu do cemiterio de Sandkirchen?"

O cavalleiro deixou cair os braços, e acenou duas vezes a cabeça em sinal de affirmação. Um caixão com uma roseira em flor estava collocado n'um dos ângulos da salla; Hugo arrancou uma rosa, e a apresentou ao desconhecido renovando suas perguntas. O cavalleiro sem romper o seu medonho silencio, pegou na rosa, e a applicou ao peito e aos labios... Um suor frio banhou o rosto de Hugo, uma pallidez mortal cubriu suas faces. Querendo ainda mais provas do que elle receava:

"Dize-me, cavalleiro, perguntou com voz breve e interrompida, és tu rico? ... aonde estão teus irmãos? qual é a tua familia?"

— Uma peça d'ouro e tres medidas de vinho são as minhas riquezas; a imagem do meu irmão está gravada na minha espada; n'uma mão tem um ramo de rosa, na outra um punhal que banha no sangue. A minha familia é a Westfalia, a terra vermelha. Estás satisfeito, Hugo? conheces-me agora?"

— Escuta attentamente! as palavras do decreto são curtas: tu conheces teu crime, apos d'elle seguir-se-ha a punição: tu morrerás dentro d'uma hora; e tu, sua cómplice, que tens tomado o vestido d'um pagem para fugires do teu santo asylo, tu has de voltar ao lugar donde partiste, has d'entrar no claustro, onde te esperão a vergonha, a infamia, e o castigo. E o cavalleiro incognito saiu a passos vagarosos da salla.

Branca, sem voz, sem movimento, ficou com os olhos fitos na porta pela qua acabava de desapparecer o negro fantasma. De repente Hugo se levanta impetuosamente; a pallidez que cubria suas faces desapparece; e nos seus olhos brilhão o valor e a audacia: "Cuberto seja eu de ignominia, exclama elle, antes que eu permita, que disponhão assim da minha vida! Hontem não me teria custado nada morrer; porem hoje, que tu és minha, quero viver. Deixando em seguida a capa, o morrião, e a espada: "Espera-me aqui, Branca, disse elle; deixo esta capa que me pode embaraçar no combate, este

morrião demasiado frágil, e esta espada pouco forte para as suas cabeças. Vou vestir uma armadura que resista aos golpes do aço mais bem temperado; vou tomar a minha boa espada cujo pezo espanta mesmo aos Polacos, e se succumbir não será sem ter vendido caro a minha vida. Olha, meu coração, continuou dando-lhe sua cruz de diamantes, guarda esta cruz que sempre a tenho levado comigo: se eu morrer, ella servirá para te recordar algumas vezes aquelle que tão ardentemente te amou., Branca não respondeu senão com um profundo gemido. " Não te assustes, meu anjo, eu viverei, acredita n'este coração que tão atrevidamente I teja n'este peito; viverei porque me amas e porque sou demasiado feliz para morrer. D'outra lado ainda nos resta um meio de salvar-nos. Os subterraneos do templo idólatra podem offerecer-nos um asylo retirado; vou averiguar isso; fica aqui, não tardarei em ver-me ao pé de ti. "

Hugo ia sair, porem Branca o deteve; a sua mão gelada tomou a mão do seu amante, e o levou perto da lampada moribunda. Então, separando os cabellos que cubrião a testa do guerreiro, ella começou a olhar para elle, como o desterrado contempla a terra natalicia que vai deixar, como o condemnado olha para o ceu que não deve tornar a ver; em seguida impellido-o suavemente: " Parte agora, disse ella, e que Deus abençoe tua diligencia. "

Hugo partiu precipitado, e depois de ter vestido sua terrível armadura, descen aos subterraneos do templo para procurar n'elles um asylo que o pudesse ocultar dos seus inimigos até vir a luz do dia. Porem, á luz do fogo que ardia perto do idolo, apparecerão-lhe alguns homens embrulhados em longas capas. Todas as saídas estavão tomadas! Hugo ficou consternado, perturbou-se-lhe a cabeça, e pareceu-lhe que as estatuas de pedra que rodeavão o altar olhavão para elle com olhos cheios de vida.

III.

A MORTE.

A hora d'espera dada pelo executor do fatal decreto ia expirar, quando este entrou novamente na sala, e percebeu ao pallido clarão d'uma luz, um cavalleiro encostado na sua espada e com o rosto encuberto entre as suas mãos. A capa conhecida do Komtur cubria seus hombros; o morrião com o penacho fluctuante assombrava sua testa, e a cruz da ordem Teutonica brilhava sobre seu peito; mas nada havia na sua attitude que fizesse recordar o ardor guerreiro que animava a Hugo poucos momentos antes; com a cabeça reclinada sobre o peito, e o semblante tranquillo e resignado, guardava um melancolico silencio. O cavalleiro da negra armadura marchou em direitura para elle: " Estás prompto, Hugo? disse-lhe elle: não fallas? pois bem! morre, e Deus tenha compaixão da tua alma! ", O cavalleiro não fez o mais leve movimento, e quando o punhal atravessou seu peito, expirou sem proferir um queixume. O verdugo não se demorou ao pé do cadaver da sua victima; deixou o punhal na larga ferida, e saiu da sala ensanguentada.

De repente a porta abre-se com estrondo; um cavalleiro inteiramente armado, entra precipitadamente: é Hugo, em cujos olhos vêm-se pintados o valor e a desesperação: " Branca, minha querida Branca! grita elle, eis-me aqui, estou certo que hei de vencer. ", Para; sua voz expira nos seus labios. O rosto pallido da sua amada, o morrião que opprime sua bella testa, a capa que a cobre, o enchem de surpresa; aproxima-se, olha consternado, e o punhal

que ainda existe na sanguinolenta ferida lhe revela a horrivel verdade. Observa o sacrificio de Branca, e compreende que ella receberá a morte para lhe salvar a vida. Um relampago de furor brilha nos olhos do guerreiro; aperta convulsivamente o punho da sua espada; mas logo cae n'um profundo desfallecimento, a desesperação é superior á sua sede de vingança. Para vingar Branca, seria necessario viver, e Hugo só deseja morrer. As grandes dores sam mudas: Hugo, sem pronunciar uma palavra, reclinou-se sobre o corpo da sua amada; deu um ultimo beijo nos seus labios descorados; embrulhou a totalmente na sua capa, e quando cubriu aquelle rosto adorado, saiu no mais profundo silencio.

Os emissarios do tribunal secreto havião desapparecido; os servos de Hugo fugirão, a lua alumiaava com uma luz argentada o castello deserto, não se sentia o ruido do vento, o passaro nocturno cessou de dar seus gritos agudos e melancolicos, e as aguas do lago visinho não fazião ouvir seu murmurio. Este repouso de toda a natureza foi interrompido pelo ruido d'um corpo que caiu nas ondas. A agua redomoinhou um instante, e logo voltou a adquirir a sua calma natural e transparencia. E quando o sol appareceu no firmamento, e os passarinhos o saudarão com hymnos de alegria, unicamente os lyríos, tristes e inclinados para as ondas crystalinas, parecião chorar o fim do desafortunado Hugo.

PARABOLA IV.

O PARSIO, O JUDEU, E O CHRISTÃO.

Um Judeu entrou n'um templo dos Parsios, e viu alli o sagrado fogo. Como! disse elle ao sacerdote, adorais o fogo? — Não adoramos o fogo, respondeu o sacerdote; elle é para nós um emblema do sol, e do seu calor genial. — Logo adorais o sol como se fosse deus? perguntou o Judeu. Não sabeis que este luminar é tambem obra do Todo poderoso Creador? — Sabemo-lo, replicou o sacerdote, porem o homem ignorante carece d'um objecto sensível para formar idéa do Altissimo. E não é o sol a imagem do manancial invisível e incompreensível da luz, d'aquelle Ser que abençoa e conserva todas as cousas?

Ouvindo isto o Israelita respondeu: Distingue vosso povo o typo do original? Elles chamão ao sol seu deus, e descendo depois a objectos mais humildes, ajoelham-se perante uma chama terrestre. Divertis a vista exterior, porem cegais a interior, e ao mesmo tempo que lhes apresentais a luz da terra, affastais do povo a luz celestial. — Não faras estatua, nem imagem de cousa alguma.

Como pois chamais o Ser Supremo? perguntou o Parsio.

Nós lhe chamamos Jehovah Adonai, isto é, o Senhor, que é, que foi, e que ha de ser, respondeu o Judeu.

Vosso nome é grande e sublime, disse o Parsio; mas tambem é tremendo.

Um Christão aproximou-se então, e disse: Nós lhe chamamos Páe.

O Idólatra e o Judeu olhãrão um para outro e disserão: Aqui está a um mesmo tempo uma imagem e uma realidade! — é uma palavra do coração, accrescentãrão elles.

Dito isto, levantãrão seus olhos para o ceu e disserão com reverencia e amor: Nosso Páe!

E em seguida dêrão-se as mãos, e todos os tres se chamãrão mutuamente irmãos.



VISTA DO ALÇAÇAR DE TOLEDO.

A CIDADE DE TOLEDO E O SEU ALÇAÇAR.

TOLEDO, cidade antiquíssima, foi residencia dos reis Godos em 560. Tomada pelos Arabes, vulgarmente chamados Mouros, em 711, estabeleceu-se n'ella a séde do vice-rei do califa de Bagdad, chefe supremo dos Arabes. Ficou depois estabelecido em reino independente até que conquistada em 1085 veiu a ser a capital dos reis de Castella.

Toledo é hoje a capital da provincia do seu nome: está situada sobre um rochedo muito escarpado, em clima nada temperado, e cingida pelo rio Tejo por todas as partes menos pela banda do norte. Muito decaída do seu antigo esplendor, conserva os antigos muros, e ainda é importante pela sua magnifica cathedral cheia de preciosidades e monumentos; e pelo *Alçaçar*, do qual logo fallaremos.

A população de Toledo, segundo o que se vê no Diccionario Geografico de Miñano, não chegava a 15,000 habitantes em 1827: e assim mesmo tinha alem da cathedral 20 freguezias latinas, 6 musárabes, outra castrense, (*) 14 conventos de frades, 23 de freiras, 9 hospitaes, varios estabelecimentos de caridade, uma universidade, tres collegios para homens, e um para meninas nobres, 9 capellas publicas, e varios sanctuarios. Em vista de esta relação bem podemos dizer que Toledo é uma das cidades mais religiosas do mundo christão.

Da sua antiga industria só conserva algumas manufacturas de seda, e uma fabrica real de armas brancas: porem as espadas toledanas outr'ora tão estimadas estão muito longe de igualarem as que se fabricavão antigamente na mesma cidade.

A gravura no principio d'este artigo representa a vista do Alçaçar de Toledo, antigo Palacio real, no qual trabalharão varios famosos architectos hespanhoes Covarruvias, Vergara, Vega e Villalpando. Dizem que foi edificado a primeira vez pelo rei D. Afonso X, melhorado depois por Carlos V; e posteriormente reedificado pelo arcebispo Lorenzana para servir de hospicio com o titulo de casa de ca-

* O Rito musarabe era aquelle que usavão os christãos d'Hespanha tolerados em meio dos Arabes conquistadores. Freguezias *castrenses* são aquellas onde se conservão os registos e se celebrão todas as cerimoniaes religiosas, relativos a militares.

ridade. Este soberbo edificio tem ficado em grande parte arruinado desde a guerra da independencia. O Alçaçar está situado sobre uma colina, na parte mais elevada da cidade, como se vê representado na estampa. Vê-se na mesma em ponto pequeno a ponte de Alcantara por cujo unico espaçoso arco passa toda a agua do rio Tejo, que vem depois render o tributo das suas aguas ao Oceano Atlantico formando pouco antes a magnifica bahia em frente de Lisboa.

III.

DA PELLE. DOS BANHOS.

[*Continuado do N.º 5.*]

DA PELLE.

A brancura é a qualidade mais essencial da pelle, e a frescura a immediata.

Uma vida quieta regular, repouso durante a noite, exercicio pelo dia, moderação no trabalho e no prazer, temperança, sobriedade, igualdade de genio, paixões moderadas, e a tranquilla felicidade produzida por um animo satisfeito, são os melhores cosmeticos que um medico pode receitar para dar uma saudavel frescura, e animado brilho á pelle.

Bem conhecemos que não está nas mãos de todos o poder adoptar todas estas precauções e tal modo de vida; porem não faltão pessoas que o poderião fazer sem muito trabalho, e que sem embargo estão mui longe de seguir estes conselhos. Uma verdadeira natural frescura de côr é sumamente rara; ás vezes na mesma primavera da vida é artificial, e entre aquellas pessoas que bem podião passar sem attractivos emprestados.

A grande actividade d'este orgão, a natureza de muitas das suas funcções, e a sua connexão com todos os outros orgãos, o sugeição a grandes alterações e accidentes, que destroem a belleza da sua apparencia, e nem sempre cedem impunemente a applicação dos remedios.

Transpiração.

A pelle se suja e deslustra habitualmente com a sua propria transpiração e excreções.

A transpiração cutanea é de duas especies, visivel e invisivel. Este desperdicio é tão natural e necessario para a vida como a transpiração. Como

esta é continua, exige uma attenção constante, podem particularmente ao tempo de sair da cama, de metter-se n'um banho, e de descansar d'um longo passeio, para não a cortar de repente.

Ao sair da cama, a roupa de noute deve ser sacudida e exposta á acção do ar, e tambem a cama, para que as emanações que procedem da transpiração nocturna se evaporem e não sejam absorvidas outra vez na seguinte noute.

Secar a roupa molhada com o suor no corpo, expondo-se a uma corrente de ar, é pouco menos que loucura. O que convem fazer é mudar a roupa, e logo secar a pelle, para tirar toda a humidade sem evaporação.

Escamas na Pelle.

As pequenas escamas formadas pela secreção de substancias indissoluveis no ar atmosferico, que se amalgamão com o liquido unctoso emanado das glandulas sebaceas da pelle, dão a esta uma apparencia parda e feia, e produzem rugas.

Estas pelliculas, meio removidas, e descoloridas, pelas oleosas exhalções da pelle, tapão os poros e não deixão transpirar. Resulta d'isso uma côr amarellenta ou parda, que faz as rugas mais profundas e visiveis.

Pelo contrario, removendo todas estas pelliculas, a pelle recebe mais facilmente a impressão do ar, e adquire um brilho suave e agradável.

Cuidado da Pelle.

Muitos são os meios empregados pela industria humana para dar mais belleza á pelle, entre os quaes alguns ha que são perigosos.

Ao mesmo tempo que os medicos condemnão, e com razão, o uso de cosmeticos e cayos offensivos, todos elles estão de accordo em que um regulamento sanativo com applicações simples e racionais contribue para embellecer a pelle.

Por exemplo, uma senhora que deseje conservar uma côr delicada, não ha de sem necessidade expor-se ao calor abrasador do sol, ou a um vento forte, que seque e endureça a pelle. Se por acaso tiver recebido a acção do fumo, ou alguma nuvem de poeira convem limpar com um lenço o pescoço e a cara; e estando de frente d'algum fogão é necessario pôr alguma cousa entre o lume e a cara para que esta não padeça com o calor. Qualquer humidade deve-se secar suavemente com o lenço antes para absorver do que para secar o suor. O costume de esfregar a pelle, especialmente á noute ao tempo de se despir não é bom, bem como o expor ao ar livre a cara, o pescoço e os braços depois de lavados.

BANHOS.

A limpeza é aquella qualidade attractiva que faz com que a mulher pareça uma cousa quasi divina removendo d'ella tudo quanto nos possa recordar a imperfeição da natureza humana.

A agua para é o melhor cosmetico para a limpeza.

Necessidade dos Banhos.

O uso do banho é um dos meios mais efficazes para conseguir todas as vantagens que se desejão com respeito á pelle.

Aquella sensação agradável que produz o banho é prova evidente das suas beneficas qualidades. Tira as pequenas escamas da epiderme, e separa a secreção sebosa; abre os poros, accelera a circulação, facilita e promove a transpiração, e produz uma sensação de suave languidez, e agradável cansaço.

Entre os antigos, quando os sabios fazião as leis para as nações, e a moral do povo se julgava de muita importancia para o estado, o uso do banho

era rigorosamente mandado. D'ahi procedem as imersões, as abluções, as aguas de purificação, necessarias antes de serem admittidos á iniciação dos mysterios, ou á presença da divindade. Estas purificações tão sabiamente multiplicadas nos climas abrasadores do Egypto, Persia e India, tinhão por objecto desenvolver a belleza physica, e conservar a saude.

Hippocrates recommendava os banhos, fricções diarias, e exercicio. Elle viveu cento e quatro annos.

Galeno, que viveu cento e quarenta annos, e que nunca esteve doente, deveu sua longa existencia á pratica das regras que elle dá no seu tratado sobre a saude.

Entre as severas leis de Lycurgo havia uma que ordenava o uso do banho; e bem sabido é que os mancebos, e as raparigas de Sparta se banhavam diariamente na corrente limpida do rio Eurotas.

Muitos escritores Gregos nos tem deixado uma relação dos banhos públicos de Athenas: erão estabelecimentos commodos e espaçosos preparados com luxo. Alem d'estes banhos publicos sustentados pelo governo, os particulares os tinhão nas suas proprias casas.

Os Gregos representavão a Deusa do Amor saindo do seio do mar; ficção engenhosa para provar que a agua é o elemento que produz a belleza.

Os Romanos, com menos saber e gosto, chegãrão a ter banhos magnificos construidos pelos imperadores. As senhoras Romanas passavão as manhãs com as suas numerosas escravas no banho.

Os Monros d'Hespanha distinguirão-se pela sumptuosidade dos seus banhos publicos e particulares, e obedecendo á voz do seu sabio legislador, os edificãrão em todos os seus dominios. O celebre Abderahman II, Califa de Córdoba, mandou edificar novecentos banhos só n'aquella cidade. (*)

Tambem é certo que nada ha que tenha uma influencia mais decidida na saude e na belleza do que o uso frequente do banho.

Entre as nações modernas, aquellas que mais se banhão, quer por preceito religioso, quer por costume, são as que excedem a todas as outras em força e belleza physica. O banho diario dá ás mulheres do Oriente aquella flexibilidade e suavidade de pelle, que tanto as distingue, e estão livres de numerosas doenças ás quaes as expoem naturalmente uma vida sedentaria.

Nas grandes cidades, deveria haver banhos publicos para os pobres. Permittindo-o o tempo, as mulheres devem banhar-se uma vez por semana em todas as estações do anno, e diariamente durante o calor excessivo.

Temperatura e effeito dos Banhos.

A temperatura dos banhos convem que seja, sendo possivel, como a do sangue.

Como os effeitos dos banhos tepidos são calmantes e relaxantes, produzem grande beneficio depois de grande fadiga. As pessoas de temperamento seco e irritavel, as crianças e as mães tirão muito beneficio do seu uso.

Os banhos tepidos são uteis para limpar a pelle, porquanto separão da epiderme as particulas que emanão do corpo, e facilitão o egresso das outras que devem succeder.

Uso do Sabão.

Algumas onças de sabão acabarão o banho mais promptamente levando todas as particulas extranhas pegadas á pelle.

O sabão quanto mais simples melhor, evitando o uso d'aquelles que tenham muita soda ou potassa;

(*) A cidade do Porto é, talvez, a unica da Europa, comparada com outras de igual população, que não tenha uma casa de banhos publicos!

isto se descobre observando se poem a pelle aspera e rugosa. As essencias de sabão costumão produzir este effeito.

O sabão em pastilha é preferivel ao liquido, e o que tem pouco perfume, áquelle altamente perfumado. O sabão feito com oleo de palma, e o cheiro que despede é natural.

Fricções.

Depois da ablução e de attender aos dentes, unhas e cabello, é necessario fazer uso da escova da carne. Esta é uma escova de pello cumprido bastante suave para não fazer mal á pelle, e ao mesmo tempo bastante elastica para remover todas as particulas escamosas que a agua tem levantado.

A fricção é necessaria para aquellas pessoas que não fazem esforços musculares indispensaveis para a conservação da saude; e tambem para aquellas cuja pelle não tem bastante acção.

Precauções.

Alem das que ficão notadas a seguinte é bastante essencial: não vestir a mesma roupa branca que se levava antes do banho, somente se tem poucas horas de uso. Sem esta precaução estando os poros abertos, logo absorverião as previas emanções, e voltarião á massa dos humores as particulas impregnadas na roupa.

Em todas estas operações é preciso não apanhar frio. Acabada a fricção, convem vestir-se immediatamente, e fazer logo algum pequeno exercicio.

Abluções.

Ha circumstancias em que não é facil poder ter um banho; n'este caso as abluções locais devem suprir aquella falta. Se os effeitos que produzem não são tão bons como os do banho, sempre servem para tirar da epiderme o residuo do suor.

As abluções vão geralmente acompanhadas de fricções para que a pelle fique livre de particulas estranhas.

Finalmente devemos observar que as frequentes abluções, e todos os outros meios empregados para dar mais suavidade á pelle, se se fizerem com excesso, diminuem a actividade da tranpiração e atacam o temperamento.

ANEDOTAS.

A primeira Parteira. — Não havia antigamente parteiras, e um mal entendido pejo, impedindo as mulheres de recorrerem aos medicos, era cauza de que muitas morressem á mingoa de soccorros. Em Athenas havia até uma lei que prohibia ás mulheres o exercicio da medicina, e debaixo de penas muito severas. O seguinte caso foi motivo para se alterar uma tal disposição.

Agurdice, rapariga Atheniense, de extraordinaria viveza, sentindo-se com particular propensão para a medicina, vestiu-se de homem para aprender em perfeição esta sciencia, e especialmente a arte obstetricia. Quando se considerou habilitada para assistir a partos, inculcava-se como medico, tendo todavia o cuidado de socegar o pudor das doentes, a quem confidencialmente confessava seu sexo. Começou a diminuir a freguezia aos outros medicos, que, ciosos de seu novo collega, tratáráo perdê-lo; e para esse fim o accuzáráo de abuzar das relações que a necessidade de seu saber lhe procurava; chegando até a apontar molestias fingidas para favorecerem seus escandalosos galanteios. E foi tão bem tecida a intriga que conseguirão con-

demnar pelo Areopago a Agurdice como seductor de donzellas.

Uma tão extraordinaria sentença foi triunfante-mente impugnada pela ré, que, confessando seu verdadeiro sexo, pôz o Tribunal na necessidade de concluir sua innocencia. Apareceu porém uma nova, e verdadeira accusação: a infracção da lei que prohibia ás mulheres a medicina; mas as damas Athenienses intervindo no processo, conseguirão não só a absolvição da sua medica, mas até fizeram abolir a Lei.

Desde então foi permittido ás mulheres o exercicio da medicina.

Resposta sentenciosa do Pontifice Sixto V —

Um cirurgião que na idade de vinte e cinco annos casára com uma mulher riquissima; depois de ter com ella vivido tres annos, foi para Napoles, onde se cazou com uma mulher de má fama, que tinha de dote dez mil escudos. Viveu com ella alguns annos, e depois de ter gasto toda a sua fortuna, foi para Veneza, onde conseguiu enganar a viuva de um alfaiate muito rico, a quem roubou, fugindo depois para Roma. Mudando de nome, inculcava-se nesta cidade como um medico muito celebre; e ajustou o seu quarto casamento com uma mulher que lhe trazia de dote vinte mil libras. Tinha porém Deus destinado que este fosse o ultimo consorcio, pois no acto de receber a benção nupcial, foi o cirurgião reconhecido pela sua mulher de Veneza, que immediatamente o accusou ao Governador de Roma. Esta singular aventura chegando á noticia de Sixto V obrigou este Pontifice a interrogar pessoalmente o réo. " Santissimo Padre, respondeu elle, eu confesso que cazando com a minha primeira mulher, sem ter della um perfeito conhecimento, me vi obrigado a abandonal-a por causa do seu máu genio; dei-xei a de Napoles porque suas devassidões me en-vergonhavão; o acaso me fez casar terceira vez em Veneza com outra, cujos caprichos me fizeram fugir; e acabo agora mesmo de casar com a quarta, que conheço muito pouco, e que cu-do não conservarei por longo tempo." O Pontifice respondeu-lhe rindo: " visto que neste mundo vos não é possivel encontrar mulher que vos sir-va, devemos esperar que a encontreis no outro."

E ordenou immediatamente ao Governador de Roma mandasse enforcar este homem, a quem, se vivesse muitos annos, mal bastarião todas as mulheres do universo.

O LADRÃO E O SAPIO.

ERA o Abbade de Molières homem simples, e pobre, estranho a tudo, menos á sabedoria. Não tinha criado, e trabalhava na cama por falta de meza; tendo sempre os calções postos na cabeça por cima do barrete, caindo-lhe cada perna para o seu lado.

Ouve uma manhã bater á porta: " Quem é? pode abrir ..." e puxando um cordão abre a porta. Então, mesmo sem olhar para quem entrara, diz:

" Quem sois vós? "

" Quero dinheiro."

" Dinheiro? ! "

" Sim; dinheiro."

" Ah! tenho entendido: sois hum ladrão."

" Ladrão, ou não; quero dinheiro."

" De véras; necessitades delle? Pois bem. Procura aqui dentro ..."

E estendendo-lhe o pescoço indica-lhe uma das pernas dos calções; o ladrão procura.

“Então?—Aqui não ha dinheiro.”

“Não, mas ha uma chave.”

“Sim, e esta chave...”

“Pega nella.”

“Prompto.”

“Vai áquella commoda; abre ahí não, diabo; são os meus papeis; não os confundas; não lhe toques. Na outra gaveta encontraras dinheiro.”

“Ei-lo.”

“Bem! Levai-o. Fechai a gaveta.”

O ladrão foge.

“Senhor ladrão, fechai ao menos a porta... E deixou a porta aberta! Que patife! Tenho de me levantar com este frio! Maldito ladrão!”

Levanta-se o Abbade, fecha a porta e volta ao seu trabalho, talvez sem se lembrar que não tinha para o jantar.

Gatos de Angora. Muitas pessoas dão o nome de *Gatos de Angola*, por confundirem os termos, aos *Gatos de Angora*, e até em algumas obras modernas comette-se este erro. Angola, como é bem sabido, é uma das possessões portuguezas na costa occidental da Africa, e Angora está na Asia Menor, não longe de Smyrna. Nesta cidade e nas suas vizinhanças é aonde existe o bello gato de Angora, cujo pêllo cumprido e suave como seda serve para a manufactura dos Camelotes.

O celebre Lavoisier (famoso chimico, victima da grande revolução franceza) movido do benéfico desejo de demonstrar aos seus compatrioticos a importancia de estudar os principios scientificos na cultura das terras, tomou sobre si o cultivar na Vendée 240 acres, (cada acre tem 4840 varas quadradas.) Em nove annos dobrou o producto das suas herdades; e as suas colheitas erão geralmente uma terça parte maiores do que as dos seus vizinhos.

As Batatas—No principio foram positivamente proscriptas em França. Baudin conta que no seu tempo se prohibiu o uso d'ellas em Borgonha, porque estavam na idéa de que produzia a lepra. Aos esforços do celebre chimico Parmentier, se deve que os Francezes fossem perdendo a antipathia que tinham contra ellas, e que as usassem como alimento. Com tudo ainda no tempo da grande Revolução o vulgo gostava tão pouco d'esta comida, que tendo sido proposto Parmentier para um emprego municipal, um dos votantes se opôz furiosamente contra elle pela parte que tinha tido na introdução das batatas, “Elle não nos dará de comer senão batatas”, disse o votante, porque foi quem as inventou.”

As batatas podem conservar-se por muitos annos, escaldando-as ou metendo-as dentro d'um forno quente por alguns minutos. A substancia farinacea se conserva boa por muitos annos, com tanto que a casca esteja inteira. Depois de escaldadas devem secar-se.

Vitalidade da Mosca caseira. Algumas moscas que se tinham introduzido n'uma garrafa d'espírito de vinho, e que segundo todas as apparencias es-

tavão mortas, forão tiradas para fora e enterradas n'um montão de cinzas de madeira quentes. Poucos minutos depois observou-se que tão saindo das cinzas, sacudindo o pó das azas, e voando pelo quarto, tão espertas como n'um dia de verão!

RECEITAS.

Betume que resiste ao fogo e á agua.

MIXTURE-SE um quartilho de leite com igual quantidade de vinagre para coalhar o leite; separem-se as partes coalhadas das serosas; mixturem se estas com quatro ou cinco claras de ovo bem batidas, acrescente-se depois cal viva passada por uma peneira fina, e faça-se de tudo isto uma massa que não pingue ao tempo de se usar d'ella.

Se com este betume se colão os pedaços de qualquer cousa rota ou as gretas, e se deixa secar bem, resistirá á agua e ao lume. A pessoa que o tem experimentado assegura que tapou uma greta n'uma caldeira de ferro na qual costumava derreter pez, e que serviu depois cinco annos sem necessidade de nova compostura, — *Semanario Instructivo.*

Para conservar os animaes estufados.

Quando se observa que n'um passaro ou outro qualquer animal estufado começo a apparecer alguns insectos, que costumão ser mais pequenos que os que se crião no queijo, tire-se o animal da caixa e posto n'um forno, no qual se deve queimar um pouco de carvão de lenha, o fumo destruirá todos os bichinhos, e o calor endurecerá os ovos.

Antidoto para o envenenamento causado com o verdete.

O verdete é o óxido de cobre formado pelo vinagre ou acido acético, e como os envenenamentos causados por elle são demasiadamente frequentes, convem que se saiba que ha um antidoto barato, e facil de encontrar em qualquer casa.

M. J. Carlos, Gallett, antigo boticario de primeira classe do exercito do Norte e de Italia, tinha-se envenenado, sem o saber, com esta substancia. Os vomitos erão horrorosos: em quanto forão trazer o azeite, que tinha pedido, com o fim de calmar a sede devoradora que soffria, bebeu um copo de agua mui carregado de assucar, e as dores diminuirão. Continuou depois comendo assucar puro, isto é, sem ser dissolvido em agua, e se curou perfectamente. Este remedio, que depois se tem repetido com frequencia e bom exito, tem provado que o assucar é o verdadeiro antidoto do verdete.

PENSAMENTOS.

Que é um duello? — A embriaguez da honra.

Que sente o homem que se envergonha no seu interior de não ser d'uma prosapia nobre? — A dor produzida pelo agulhão que a vaidade lhe ferrou na sua imaginação.

CORRESPONDENCIA.

O Amante da Religião pode estar certo que a sua carta será tomada em devida consideração.